

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

PESQUISA EM EDUCAÇÃO I METODOLOGIA CIENTÍFICA

2º semestre



Presidente da República Federativa do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Educação

Fernando Haddad

Maria Paula Dallari Bucci

Carlos Eduardo Bielschowsky

Ministro do Estado da Educação
Secretária da Educação Superior
Secretário da Educação a Distância

Universidade Federal de Santa Maria

Reitor Clóvis Silva Lima

Vice-Reitor Felipe Martins Muller

Chefe de Gabinete do Reitor João Manoel Espina Rossés

Pró-Reitor de Administração André Luis Kieling Ries

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis José Francisco Silva Dias

Pró-Reitor de Extensão João Rodolfo Amaral Flores

Pró-Reitor de Graduação Jorge Luiz da Cunha

Pró-Reitor de Planejamento Charles Jacques Prade

Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa Helio Leães Hey

Pró-Reitor de Recursos Humanos João Pillar Pacheco de Campos

Diretor do CPD Fernando Bordin da Rocha

Coordenação de Educação a Distância

Coordenadora de EaD Cleuza Maria Maximino Carvalho Alonso

Vice-Coordenadora de EaD Roseclea Duarte Medina

Coordenador de Pólos Roberto Cassol

Gestão Financeira José Orion Martins Ribeiro

Centro de Educação

Maria Alcione Munhóz

Andréa Forgiarini Cechin

Diretora do Centro de Educação
Coordenadora do Curso de Graduação em Pedagogia

Elaboração do Conteúdo

Liliana Soares Ferreira

Professor pesquisador/conteudista

Equipe Multidisciplinar de Pesquisa e Desenvolvimento em Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação - ETIC

Coordenador da Equipe Multidisciplinar

Carlos Gustavo Matins Hoelzel
Cleuza Maria Maximino Carvalho Alonso
Rosiclei Aparecida Cavichioli Laudermann
Sílvia Helena Lovato do Nascimento
Volnei Antônio Matté
Ronaldo Glufke
André Krusser Dalmazzo
Edgardo Gustavo Fernández

Desenvolvimento da Plataforma

Marcos Vinícius Bittencourt de Souza

Gestão Administrativa

Lígia Motta Reis

Gestão do Design

Diana Cervo Cassol

Designer

Evandro Bertol

ETIC - Bolsistas e Colaboradores

Orientação Pedagógica

Elias Bortolotto
Fabrício Viero de Araujo
Gilse A. Morgental Falkembach
Leila Maria Araújo Santos

Ilustração

Cauã Ferreira da Silva
Evandro Bertol
Júlia Rodrigues Fabrício
Mariana Rotilli dos Santos
Natália de Souza Brondani

Diagramação

Criscia Raddatz Bolzan
Gabriel Barbieri
Leonardo Moreira Fabrin
Luiza Kessler Gama
Naieni Ferraz
Victor Schmitt Raymundo

Suporte Técnico

Adílson Heck
Ândrei Componogara
Bruno Augusti Mozzaquatro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
semana I	
LEITURA DE TEXTOS CIENTÍFICOS	6
Objetivos	6
Conteúdos	6
Leitura obrigatória	6
Fórum da primeira semana	9
semana II	
FICHAMENTO E CITAÇÃO	10
Objetivos	10
Conteúdos	10
Leitura obrigatória	10
Leitura obrigatória: modos de citação	12
semana III	
RESUMO E RESENHA	14
Objetivo	14
Conteúdos	14
Leitura obrigatória	14
semana IV	
ARTIGO CIENTÍFICO	16
Objetivo	16
Conteúdo	16
Artigo científico	16
semana V	
PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	18
Objetivo	18
Conteúdo	18
Leitura obrigatória	18
semana VI	
PROJETO DE PESQUISA	19
Objetivo	19
Conteúdo	19
Leitura obrigatória	19
semana VII	
PROJETO DE PESQUISA	20
Objetivo	20
Conteúdo	20
Leitura obrigatória	20
Leitura obrigatória	26
semana VIII	
NORMAS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT)	27
Objetivo	27
Conteúdo	27
Leitura obrigatória	27

APRESENTAÇÃO

Prezada Colega, Prezado Colega, bem-vinda/o ao nosso componente curricular. Neste componente, você estudará temas e questões relativas à metodologia científica aplicada à área da educação.

A pedagoga/o pedagogo, independentemente do âmbito em que se realiza sua atuação, precisa compreender os vários significados e dimensões que o planejamento, a pesquisa e a sistematização podem assumir no processo de organização do trabalho educativo. Assim, nesse componente privilegiaremos o estudo de duas unidades:

- UNIDADE 1 – LEITURA DE TEXTOS CIENTÍFICOS;
- UNIDADE 2 – PRODUÇÃO DE TEXTOS CIENTÍFICOS;

Na primeira unidade, discutiremos:

- 1.1 – Compreensão global do significado do texto.
- 1.2 – Interpretação crítica do texto.

Já, na segunda unidade, trabalharemos sobre:

- 2.01 – Fichamento.
- 2.02 – Citação.
- 2.03 – Resumo.
- 2.04 – Resenha.
- 2.05 – Artigos científicos.
- 2.06 – Pesquisa bibliográfica.
- 2.07 – Projeto de pesquisa.
- 2.08 – Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Observe que organizamos a discussão conforme a seqüência de cores, agregando os temas escritos com a mesma cor, compondo oito temas correspondentes à quantidade de oito semanas de aula.

Convidamos para um trabalho sério, comprometido, embasado no diálogo, na leitura e na sistematização. Nosso desejo é de efetiva produção do conhecimento para todos nós.

semana I

LEITURA DE TEXTOS CIENTÍFICOS

OBJETIVOS

- A partir da leitura, compreender globalmente o texto.
- Produzir interpretação crítica do texto.

CONTEÚDOS

1.1 – Compreensão global do significado do texto.

1.2 – Interpretação crítica do texto.

Caras estudantes e caros estudantes, começamos a 1ª semana de aula, com os versos do poeta Mário Quintana, que sintetiza a importância que a leitura tem em nossas vidas:

Dupla delícia: O livro traz a vantagem de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado.

(QUINTANA, 1975. P. 135)

Nesta unidade, aprofundaremos as relações entre leitura e escrita e compreenderemos sobre a escrita como fundamento da pesquisa.

LEITURA OBRIGATÓRIA

Para leitura, indicamos o texto a seguir do prof. Rubem Alves, que fala sobre o prazer que a leitura pode nos proporcionar.

O PRAZER DA LEITURA

Alfabetizar é ensinar a ler. A palavra alfabetizar vem de "alfabeto". "Alfabeto" é o conjunto das letras de uma língua, colocadas numa certa ordem. É a mesma coisa que "abecedário". A palavra "alfabeto" é formada com as duas primeiras letras do alfabeto grego: "alfa" e "beta". E "abecedário", com a junção das quatro primeiras letras do nosso alfabeto: "a", "b", "c" e "d". Assim sendo, pensei a possibilidade engraçada de que "abecedizar", palavra inexistente, pudesse ser sinônima de "alfabetizar"...

"Alfabetizar", palavra aparentemente inocente, contém uma teoria de como se aprende a ler. Aprende-se a ler aprendendo-se as letras do alfabeto. Primeiro as letras. Depois, juntando-se as letras, as sílabas. Depois, juntando-se as sílabas, aparecem as palavras...

E assim era. Lembro-me da criança repetindo em coro, sob a regência da professora: "be a ba; be e be; be i bi; be o bo; be u bu"... Estou olhando para um cartão postal, miniatura de um dos cartazes que antigamente se usavam como tema de redação: uma menina cacheada, deitada de bruços sobre um divã, queixo apoiado na mão, tendo à sua frente um livro aberto onde se vê "fa", "fe", "fi", "fo", "fu"... (Centro de Referência do Professor, Centro de Memória, Praça da Liberdade, Belo Horizonte, MG).

Se é assim que se ensina a ler, ensinando as letras, imagino que o ensino da música deveria se chamar "dorremizar": aprender o dó, o ré, o mi... Juntam-se as notas e a música aparece! Posso imaginar, então, uma aula de iniciação musical em que os alunos ficassem repetindo as notas, sob a regência da professora, na esperança de que, da repetição das notas, a música aparecesse...

Todo mundo sabe que não é assim que se ensina música. A mãe pega o nenezinho e o embala, cantando uma canção de ninar. E o nenezinho entende a canção. O que o nenezinho ouve é a música, e não cada nota, separadamente! E a evidência da sua compreensão está no fato de que ele se tranquiliza e dorme – mesmo nada sabendo sobre notas! Eu aprendi a gostar de música clássica muito antes de saber as notas: minha mãe as tocava ao piano e elas ficaram gravadas na minha cabeça. Somente depois, já fascinado pela música, fui aprender as notas – porque queria tocar piano. A aprendizagem da música começa como percepção de uma totalidade – e nunca com o conhecimento das partes.

Isso é verdadeiro também sobre aprender a ler. Tudo começa quando a criança fica fascinada com as coisas maravilhosas que moram dentro do livro. Não são as letras, as sílabas e as palavras que fascinam. É a estória. A aprendizagem da leitura começa antes da aprendizagem das letras: quando alguém lê e a criança escuta com prazer. "Erotizada" – sim, erotizada! – pelas delícias da leitura ouvida, a criança se volta para aqueles sinais misteriosos chamados letras. Deseja decifrá-los, compreendê-los – porque eles são a chave que abre o mundo das delícias que moram no livro! Deseja autonomia: ser capaz de chegar ao prazer do texto sem precisar da mediação da pessoa que o está lendo.

No primeiro momento as delícias do texto se encontram na fala do professor. Usando uma sugestão de Melanie Klein, o professor, no ato de ler para os seus alunos, é o "seio bom", o mediador que liga o aluno ao prazer do texto. Confesso nunca ter tido prazer algum em aulas de gramática ou de análise sintática. Não foi nelas que aprendi as delícias da literatura. Mas me lembro com alegria das aulas de leitura. Na verdade, não eram aulas. Eram concertos. A professor lia, interpretava o texto, e nós ouvíamos extasiados. Ninguém falava. Antes de ler Monteiro Lobato, eu o ouvi. E o bom era que não havia provas sobre aquelas aulas. Era prazer puro. Existe uma incompatibilidade total entre a experiência prazerosa de leitura – experiência vagabunda! – e a experiência de ler a fim de responder questionários de interpretação e compreensão. Era sempre uma tristeza quando a professora fechava o livro...

Vejo, assim, a cena original: a mãe ou o pai, livro aberto, lendo para o filho... Essa experiência é o aperitivo que ficará para sempre guardado na memória afetiva da criança. Na ausência da mãe ou

do pai a criança olhará para o livro com desejo e inveja. Desejo, porque ela quer experimentar as delícias que estão contidas nas palavras. E inveja, porque ela gostaria de ter o saber do pai e da mãe: eles são aqueles que têm a chave que abre as portas daquele mundo maravilhoso! Roland Barthes faz uso de uma linda metáfora poética para descrever o que ele desejava fazer, como professor: maternagem: continuar a fazer aquilo que a mãe faz. É isso mesmo: na escola, o professor deverá continuar o processo de leitura afetiva. Ele lê: a criança ouve, extasiada! Seduzida, ela pedirá: "Por favor, me ensine! Eu quero poder entrar no livro por conta própria..."

Toda aprendizagem começa com um pedido. Se não houver o pedido, a aprendizagem não acontecerá. Há aquele velho ditado: "É fácil levar a égua até o meio do ribeirão. O difícil é convencer a égua a beber". Traduzido pela Adélia Prado: "Não quero faca nem queijo. Quero é fome". Metáfora para o professor: cozinheiro, Babette, que serve o aperitivo para que a criança tenha fome e deseje comer o texto...

Onde se encontra o prazer do texto? Onde se encontra o seu poder de seduzir? Tive a resposta para essa questão acidentalmente, sem que a tivesse procurado. Ele me disse que havia lido um lindo poema de Fernando Pessoa, e citou a primeira frase. Fiquei feliz porque eu também amava aquele poema. Aí ele começou a lê-lo. Estremeci. O poema – aquele poema que eu amava – estava horrível na sua leitura. As palavras que ele lia eram as palavras certas. Mas alguma coisa estava errada! A música estava errada! Todo texto tem dois elementos: as palavras, com o seu significado. E a música... Percebi, então, que todo texto literário se assemelha à música. Uma sonata de Mozart, por exemplo. A sua "letra" está gravada no papel: as notas. Mas assim, escrita no papel, a sonata não existe como experiência estética. Está morta. É preciso que um intérprete dê vida às notas mortas. Martha Argerich, pianista suprema (sua interpretação do concerto n. 3 de Rachmaninoff me convenceu da superioridade das mulheres...) as toca: seus dedos deslizam leves, rápidos, vigorosos, vagarosos, suaves, nenhum deslize, nenhum tropeção: estamos possuídos pela beleza. A mesma partitura, as mesmas notas, nas mãos de um pianista: o toque é duro, sem leveza, tropeções, hesitações, esbarros, erros: é o horror, o desejo que o fim chegue logo.

Todo texto literário é uma partitura musical. As palavras são as notas. Se aquele que lê é um artista, se ele domina a técnica, se ele surfa sobre as palavras, se ele está possuído pelo texto – a beleza acontece. E o texto se apossa do corpo de quem ouve. Mas se aquele que lê não domina a técnica, se ele luta com as palavras, se ele não desliza sobre elas – a leitura não produz prazer: queremos que ela termine logo. Assim, quem ensina a ler, isto é, aquele que lê para que seus alunos tenham prazer no texto, tem de ser um artista. Só deveria ler aquele que está possuído pelo texto que lê. Por isso eu acho que deveria ser

estabelecida em nossas escolas a prática de "concertos de leitura". Se há concertos de música erudita, jazz e MPB – por que não concertos de leitura? Ouvindo, os alunos experimentarão os prazeres do ler. E acontecerá com a leitura o mesmo que acontece com a música: depois de ser picado pela sua beleza é impossível esquecer. Leitura é droga perigosa: vicia... Se os jovens não gostam de ler, a culpa não é deles. Foram forçados a aprender tantas coisas sobre os textos - gramática, usos da partícula "se", dígrafos, encontros consonantais, análise sintática – que não houve tempo para serem iniciados na única coisa que importa: a beleza musical do texto literário: foi-lhes ensinada a anatomia morta do texto e não a sua erótica viva. Ler é fazer amor com as palavras. E essa transa literária se inicia antes que as crianças saibam os nomes das letras. Sem saber ler elas já são sensíveis à beleza. E a missão do professor? Mestre do kama-sutra da leitura...

In: <http://www.rubemalves.com.br/oprazerdaleitura.htm>

FÓRUM DA PRIMEIRA SEMANA

Considerando os propósitos deste trabalho, cabe, ainda, tecermos idéias sobre o que entendemos por interpretação.

Iniciamos por afirmar que não concebemos interpretação como uma atitude esperada, previamente estabelecida, diante de um texto a ser lido. Em outras palavras, interpretar não é chegar a uma leitura esperada, a um sentido estabelecido. Somos contrários à crença de que existe um "leitor ideal", um ser capacitado a determinar precisamente o que o autor quis transmitir com sua escrita. Na escola, "leitor ideal" é o estudante que consegue chegar à leitura que os professores consideram correta para o texto proposto, é o estudante capaz de ler como os professores lêem, atribuindo significados afins.

O ato de interpretar implica em agir com e pela linguagem. Por si só, é um operar lingüisticamente lançando mão de elementos variados como são variados também os leitores. Assim, não há leituras e significados padrões. Podem-se esperar algumas prováveis idéias a partir de alguns textos, no entanto, surpreende-nos o quanto estas previsões alteram-se na medida em que transcorre a leitura.

Ao mesmo tempo, é preciso lembrar que a interpretação feita é proporcional ao objetivo gerador da leitura. Nesse sentido, interpretar é um processo gradual. Interpreta-se conforme consegue-se perceber os argumentos que alicerçam o que se lê, tanto principais, como secundários. Poder-se-ia afirmar: interpretar implica em identificar idéias essenciais e idéias irrelevantes.

IN: FERREIRA, L.S. **Produção da leitura na escola**: por uma efetiva interpretação do texto literário. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2001.

Com base neste texto, vamos discutir, no fórum: **como se interpreta uma leitura, quais estratégias, metodologias e condições nos garantem efetivamente interpretar o que lemos?**

semana II

FICHAMENTO E CITAÇÃO

OBJETIVOS

- Estudar sobre como registrar a leitura dos textos.
- Diferenciar paráfrase, citação direta e citação indireta.

CONTEÚDOS

- 2.01 – Fichamento.
- 2.02 – Citação.

LEITURA OBRIGATÓRIA

LEITURA, FICHAMENTO E CITAÇÃO

No processo de pesquisar, envidamos esforços para buscar argumentos que nos auxiliem a pensar sobre o problema de pesquisa que originou a pesquisa. Estes esforços implicam em ler muitas obras, de diferentes autores, selecionados conforme critérios científicos: pertinência, opção teórica. Como são muitas leituras, é necessário “guardar”, fazer registros do que lemos, para, quando precisar argumentar, não ser necessário ler novamente. Este processo de “guardar” os argumentos que vamos ler, chama-se fichamento e deve ser rigorosamente planejado.

Leia, com atenção, o que diz Antônio Severino:

A DOCUMENTAÇÃO COMO MÉTODO DE ESTUDO PESSOAL

O estudo e a aprendizagem, em qualquer área do conhecimento, são plenamente eficazes somente quando criam condições para uma contínua e progressiva assimilação pessoal dos conteúdos estudados. A assimilação, por sua vez, precisa ser qualitativa e inteligentemente seletiva, dada a complexidade e a enorme diversidade das várias áreas do saber atual.

Daí a grande dificuldade encontrada pelos estudantes, cada dia mais confrontados com uma cultura que não cessa de complexificar-se e se utilizar de acanhados métodos de estudo que não acompanham, no mesmo ritmo, a evolução global da cultura e da ciência. Alguns acreditam que é possível encontrar na própria tecnologia os recursos que possibilitem superar tais dificuldades da aprendizagem. Os recursos milagrosos da tecnologia, no entanto, estão ainda para ser criados e testados; os métodos acadêmicos tradicionais, baseados na assimilação, passiva, já não fornecem nenhum resultado eficaz.

O estudante tem de se convencer de que sua aprendizagem é uma tarefa eminentemente pessoal; tem de se transformar num estudioso que encontra no ensino escolar não um ponto de chegada, mas um limiar a partir do qual constitui toda uma atividade de es-

tudo e de pesquisa, que lhe proporciona instrumentos de trabalho criativo em sua área.[...]

A prática da documentação

[...] O saber constitui-se pela capacidade de reflexão no interior de determinada área do conhecimento. A reflexão, no entanto, exige o domínio de uma série de informações. [...] Assim sendo, a posse de informação completa de sua área de especialização é razoável nas áreas afins, assim como certa cultura geral é uma exigência para qualquer estudante universitário cujos objetivos signifiquem algo mais que um diploma.

Essa informação só se pode adquirir através da documentação realizada criteriosamente. O didatismo tem criado uma série de vícios que se arraigaram na vida escolar dos estudantes desde a escola primária, esterilizando os resultados do ensino.

Não traz resultados positivos para o estudo ouvir aulas, por mais brilhantes que sejam, nem adianta ler livros clássicos e célebres. Isso só tem algum valor à medida que se traduzir em documentação pessoal, ou seja, à medida em que esses elementos puderem estar à disposição do estudante, a qualquer momento de sua vida intelectual.

A prática da documentação pessoal deve, pois, tornar-se uma constante na vida do estudante: é preciso convencer-se de sua necessidade e utilidade, coloca-la como integrante do processo de estudo e criar um conjunto de técnicas para organizá-la.[...]

A documentação temática

A documentação temática visa coletar elementos relevantes para o estudo em geral ou para a realização de um trabalho em particular, sempre dentro de determinada área. Na documentação temática, esses elementos são determinados em função da própria estrutura do conteúdo da área estudada ou do trabalho em realização.

Tal documentação é feita, portanto, seguindo-se um plano sistemático, constituído pelos temas e subtemas da área ou do trabalho em questão. A estes temas e subtemas correspondem os títulos que encabeçam as fichas, e formam um conjunto geral de fichas ou fichário.[...]

Quando se transcreve na ficha uma citação literal, essa citação virá entre aspas, terminando com a indicação abreviada da fonte; quando a transcrição contiver apenas uma síntese das idéias da passagem citada, dispensam-se as aspas, mantendo-se a indicação da fonte; quando são transcritas idéias pessoais, não é necessário usar nem aspas nem indicações de fonte, nem sinais indicativos, pois a ausência de qualquer referência revela que são idéias elaboradas pelo próprio autor. [...]

A documentação bibliográfica

É por isso que a documentação temática se completa pela documentação bibliográfica: as Fichas de Documentação Bibliográfica organizam-se de acordo com um critério de natureza temática. [...]

A documentação bibliográfica deve ser realizada paulatinamente, à medida que o estudante toma contato com os livros ou com os informes sobre os mesmos. Assim, todo livro que cair em suas mãos será imediatamente fichado.

(SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª ed. SP: Cortez, 2007, pp. 67-9)

Em suma, o trabalho de fichamento, que são **anotações durante a leitura de consulta e pesquisa, deve considerar:**

- Os argumentos considerados importantes ou válidos para a elaboração do trabalho científico devem ser transcritos para a “ficha de documentação”.
- Cada ficha deve ser organizada de modo a conter, além do corpo da citação as referências indicadoras da fonte, um título e um subtítulo que possibilitarão a sua identificação.
- Observando-se o que é citação literal, o que é re-escrita e o que anotação pessoal, tudo o que interessar ao trabalho deverá ser transposto para as fichas, constituindo-se assim o acervo do material com o qual se trabalhará na construção formal do novo texto.

Lembramos que o trabalho de fichamento pode ser feito no computador e, neste caso, é necessário ter um processo de registro metódico também.

LEITURA OBRIGATÓRIA: MODOS DE CITAÇÃO

Leia o texto a seguir, também escrito por Antônio Severino:

AS CITAÇÕES

As citações são os elementos retirados dos documentos pesquisados durante a leitura da documentação e que se revelam úteis para corroborar as idéias desenvolvidas pelo autor no decorrer de seu raciocínio. Tais citações são transcritas a partir das fichas de documentação, podendo ser transcrições literais ou então apenas alguma síntese do trecho que se quer citar. Em ambos os casos, é necessário indicar a fonte, transpondo os dados já presentes na ficha. Nota-se que as citações bem escolhidas apenas enriquecem o trabalho; **O QUE NÃO SE PODE ADMITIR EM HIPÓTESE ALGUMA É A TRANSCRIÇÃO LITERAL DE UMA PASSAGEM DE OUTRO AUTOR SEM SE FAZER A DEVIDA REFERÊNCIA.**

Como no caso da ficha, a citação, quando literal, deve ser copiada ao pé da letra e colocada entre aspas. Caso haja no texto citado algo que se julgue deve ser corrigido, algo que cause estra-

nheza, coloca-se logo em seguida à palavra um (sic!), entre parênteses, para indicar que estava assim mesmo no texto de origem.

Quando no corpo de uma passagem citada literalmente já se encontram trechos entre aspas, estas se transformam em apóstrofos; para indicar a omissão de trechos inclusos na passagem citada, mas que não interessam à transcrição, usam reticências: entre espaços duplos, no início e no fim das passagens citadas e entre parêntese quando o trecho a omitir se encontrar no meio da passagem citada: "...na casa onde morava aquele pensador, (...) faltavam as condições necessárias para que realizasse a sua missão..."

Quando se pretender dar ênfase a alguma passagem de uma citação literal, costuma-se grifá-la, sublinhá-la. Esta alteração deve ser assinalada com a expressão o *grifo é meu* ou o *grifo é nosso* – seja colocada entre parênteses no próprio texto, seja em nota de rodapé, referida por chamada posta logo após a passagem grifada.

No caso de síntese das idéias, a transcrição é livre, devendo, contudo, traduzir fielmente o sentido do texto original. [...]

Regra geral, os textos em língua estrangeira que aparecem no texto são traduzidos no corpo do trabalho. Em casos especiais, podem ser mantidos no original, como nos estudos lingüísticos especializados. [...]

(SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª ed. SP: Cortez, 2007.pp. 176-7)

semana III

RESUMO E RESENHA

OBJETIVO

Produzir diferenciadamente resumo e resenha.

CONTEÚDOS

2.03 – Resumo.

2.04 – Resenha.

LEITURA OBRIGATÓRIA

Iniciaremos com um texto extraído da obra de Antônio Severino:

RESUMOS E RESENHAS

Outro tipo de trabalho didático comumente exigido em escolas superiores é o resumo ou síntese de textos, seja de toda uma obra ou de um único capítulo. É o que se faz, muitas vezes, quando do fichamento de livro.

Não se trata propriamente de um trabalho de elaboração, mas de um trabalho de extração de idéias, de um exercício de leitura que nem por isso deixa de ter enorme utilidade didática e significativo interesse científico.

O resumo do texto é, na realidade, uma síntese de *idéias* ou não de *palavras* do texto. Não se trata de uma “miniaturização” do texto. Resumindo um texto com as próprias palavras, o estudante mantém-se fiel às idéias do autor sintetizado.

Não se deve confundir este resumo/síntese, muitas vezes exigido como trabalho didático, com o resumo técnico-científico de que se tratará mais adiante (p. 208, item 5.9). Com aquele formato, o resumo é solicitado em situações acadêmicas e científicas especiais.

Resenha, recensão de livros ou análise bibliográfica é uma síntese ou um comentário dos livros publicados feito em revistas especializadas das várias áreas da ciência, das artes e da filosofia. As resenhas têm papel importante na vida científica de qualquer estudante e dos especialistas, pois é através delas que se torna conhecimento prévio do conteúdo e do valor de um livro que acaba de ser publicado, fundando-se nesta informação a decisão de se ler o livro ou não, seja para o estudo seja para um trabalho em particular. As resenhas permitem operar uma triagem na bibliografia a ser selecionada quando da leitura de documentação para a elaboração de um trabalho científico. Igualmente, são fundamentais para a atualização bibliográfica do estudioso e deveriam, numa vida científica organizada, passar para o arquivo de documentação bibliográfica ou geral da área de especialização do estudante.

Uma resenha pode ser puramente *informativa*, quando apenas expõe o conteúdo do texto; é crítica quando se manifesta sobre o valor e o alcance do texto; é crítico-informativa quando expõe o conteúdo e tece comentários sobre o texto analisado.

A resenha estrutura-se em várias partes lógico-redacionais. Abre-se com um *cabeçalho*, no qual são transcritos os dados bibliográficos completos da publicação resenhada; uma pequena *informação sobre o autor* do texto, dispensável se o autor for muito conhecido; uma *exposição sintética do conteúdo do texto*, que deve ser objetiva e conter os pontos principais e mais significativos da obra analisada, acompanhando os capítulos ou parte por parte. Deve passar ao leitor uma visão precisa do conteúdo do texto, de acordo com a análise temática, destacando o assunto, os objetivos, a idéia central, os principais passos do raciocínio do autor. Finalmente deve conter um *comentário crítico*. Trata-se da avaliação que o resenhista faz do texto que leu e sintetizou. Essa avaliação crítica pode assinalar tanto os aspectos positivos quanto os aspectos negativos do mesmo. Assim, pode-se destacar a contribuição que o texto traz para determinados setores da cultura, sua qualidade científica, literária ou filosófica, sua originalidade etc.; negativamente, pode-se explicitar as falhas, incoerências e limitações do texto.

Esse comentário é normalmente feito como último momento da resenha, após a exposição do conteúdo. Mas pode ser distribuído difusamente, junto com os momentos anteriores: expõe-se e comenta-se simultaneamente as idéias do autor.

As críticas devem ser dirigidas às idéias e posições do autor, nunca a sua pessoa ou às suas condições pessoais de existência. Quem é criticado é o pensador/autor e suas idéias, e não a pessoa humana que as elabora. É sempre bom contextualizar a obra a ser analisada, no âmbito do pensamento do autor, relacionando-a com seus outros trabalhos e com as condições gerais da cultura da área, na época de sua produção.

Na medida em que o resenhista expõe e aprecia as idéias do autor, ele estabelece um diálogo com os mesmos. Nesse sentido, o resenhista pode até mesmo expor suas próprias idéias, defendendo seus pontos de vista, coincidentes ou não com aqueles do autor resenhado.

(SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª ed. SP: Cortez, 2007. pp. 204-6)

semana IV

ARTIGO CIENTÍFICO

OBJETIVO

Conhecer os elementos que integram a produção de um artigo científico.

CONTEÚDO

2.05 – Artigo científico

ARTIGO CIENTÍFICO

O artigo científico é uma modalidade acadêmica de escrita e visa à socialização das produções, das pesquisas, dos estudos realizadas. Por isto, apresenta especificidades que o caracterizam, tornando-o um texto diferenciado dos demais. A estrutura padrão de um artigo é a seguinte: identificação; resumo e/ou *abstract*; palavras-chaves; introdução; metodologia; argumentação, referenciais teóricos e pesquisa realizada, resultados e questões pertinentes; considerações finais; referências utilizadas na produção do artigo; apêndices e/ou anexos.

Quanto ao processo de escrita, algumas características são fundamentais:

- a) **objetividade:** os temas precisam ser tratados de maneira direta e simples, com lógica e continuidade no desenvolvimento;
- b) **coerência:** necessita-se manter uma seqüência lógica e ordenada na apresentação dos argumentos;
- c) **clareza:** uma redação é clara quando os argumentos são expressos sem ambigüidade, sem margem para sentidos divergentes do que o escritor pretendeu atribuir ao que escreveu. Para tanto, é importante o uso de vocabulário adequado e de frases curtas, tendo-se como objetivo facilitar a leitura e prender a atenção do leitor;
- d) **precisão:** cada expressão empregada deve traduzir, com exatidão, o que se quer argumentar, em especial, no que diz respeito a registros de observações, medições e análises efetuadas;
- e) **coesão:** em nossa linguagem cotidiana, procuramos executar manobras coesivas, muitas vezes, com o intuito de melhorar a própria expressividade do enunciado. Garantir que o texto seja coeso é possibilitar inter-relação entre os argumentos.

Estes são alguns aspectos a observar. Do mesmo modo, ao escrever artigos científicos é importante prestar atenção ao seguinte:

- a) Proceder á revisão de literatura sobre o tema estudado não significa colagem de citações bibliográficas. Para evitar uma mera colagem, na qual as citações não sejam exploradas em seus

sentidos, faça uma abertura e um fecho para os tópicos tratados; preencha as lacunas com considerações próprias; crie elos entre as citações;

b) Citação é uma informação extraída de outra fonte. Os tipos de citações que podem ser utilizadas no texto são: **citação direta**: transcrição textual de parte da obra da obra consultada; **citação indireta**: transcrição livre do texto consultado; **citação de citação**: citação direta ou indireta de um texto em que não se teve acesso ao original;

Uma sugestão de organização do artigo científico é a seguinte:

a) *na introdução, apresentar um histórico do problema em questão; apresentar a proposta do projeto: "neste projeto desenvolveu-se ..., como solução alternativa..., utilizando-se ..."; descrever os objetivos do projeto; apresentar em um parágrafo o conteúdo das seções seguintes do artigo.*

b) *No desenvolvimento, apresentar uma descrição da problematização. Para tanto, pode-se fazer uso de figuras/tabelas; quando pertinente, tentar resumir numa figura/tabela/diagrama o panorama/cenário da área do problema isto é, projetos, métodos, soluções e resultados, com referências. Descrever como aconteceu a pesquisa: descrever a técnica inteligente empregada e os procedimentos adotados; justificar as opções, com argumentos ou referências a outras implementações; se oportuno, usar diagramas, figuras e tabelas, para tornar mais clara a solução empregada.*

c) Nas considerações finais (e não conclusão, porque uma pesquisa é sempre processo, sempre pode ser retomada), apresentar os resultados; usar tabelas/gráficos se oportuno; comparar os resultados. Paralelamente, destacar o que foi descoberto, por que e como contribui para a área da educação. Cabe, também, lembrar os objetivos iniciais do projeto; destacar os resultados obtidos (bons ou não!), que justifiquem o projeto e a sua solução; destacar, de modo crítico, as deficiências da solução/projeto; mencionar desdobramentos futuros ou os novos projetos já andamento.

d) Nas referências, apresentar lista completa de referências utilizadas sobre o problema e a técnica utilizada, citadas no artigo.

O tamanho de um artigo científico costuma ser 10 a 15 laudas. Entretanto, sua escrita deve se adaptar ao objetivo de ou publicar em um periódico ou enviar para um evento. Neste caso, há normas específicas que estabelecem o tamanho e a formatação do artigo a serem observadas.

semana V

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

OBJETIVO

Conhecer as etapas que garantem rigor a uma pesquisa bibliográfica.

CONTEÚDO

2.06 – Pesquisa bibliográfica.

Nesta semana, refletiremos sobre a produção da pesquisa bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica, como próprio nome diz, é um procedimento de coleta de dados em bibliografia previamente selecionada. Mais recentemente, com o avanço e a acessibilidade aos dados pela Internet, estas bibliografias já não são mais somente livros, mas toda a produção por meio digital também.

Assim, a pesquisa bibliográfica trata-se da técnica de coleta de dados mais praticada, porém, muitas vezes, é vista como simples e, por isso, realizada de modo displicente. Contrariamente, é uma técnica que exige um planejamento rigoroso e uma abordagem metodológica elaborada previamente. Antes de realizar a pesquisa bibliográfica é necessário planejá-la com cuidado: a) em quais obras pesquisar? b) quais as tendências teóricas destas obras? c) são tendências teóricas compatíveis com o aporte teórico-metodológico que se pensou para a pesquisa? d) como será efetuada a pesquisa bibliográfica? e) quais serão as etapas? f) como serão registrados os dados? g) como serão analisados estes dados? h) como serão registradas as fontes?

Como se vê, pesquisa bibliográfica não se confunde com leitura casual. É necessário planejá-la para poder garantir-lhe cientificidade.

LEITURA OBRIGATÓRIA

O artigo científico a seguir apresenta mais alguns aspectos para se refletir acerca de como realizar uma pesquisa bibliográfica, cientificamente planejada e efetuada. Trata-se de "Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica", que se encontra no site: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>

semana VI

PROJETO DE PESQUISA

OBJETIVO

Conhecer sobre como planejar e organizar um projeto de pesquisa em educação.

CONTEÚDO

2.07 – Projeto de pesquisa.

LEITURA OBRIGATÓRIA

Planejar o projeto da pesquisa que será realizada implica pensá-la em seu todo e em suas partes, prevendo acontecimentos, intencionando evitar perda de esforços. Segundo Gil:

O Projeto de Pesquisa é um documento que tem por finalidade antever e metodizar as etapas operacionais de um trabalho de pesquisa. O documento permitirá a avaliação da pesquisa pela comunidade científica e será apresentado para se obter aprovação e/ou financiamento para sua execução (GIL, 2002).

Neste processo de planejamento faz-se necessário contemplar uma série de itens que, em sua totalidade, visam a responder às seguintes questões de quem lerá o projeto: o que será pesquisado? o que se vai fazer?; por que se deseja fazer a pesquisa?; para que se deseja fazer a pesquisa?; como será realizada a pesquisa?; quais recursos serão necessários para sua execução?; quanto tempo vai se levar para executar a pesquisa? quais métodos e técnicas serão utilizados? quem serão os responsáveis pela sua execução?

semana VII

PROJETO DE PESQUISA

OBJETIVO

Aprofundar conhecimentos sobre como planejar, organizar e realizar um projeto de pesquisa em educação.

CONTEÚDO

2.07 – Projeto de pesquisa.

LEITURA OBRIGATÓRIA

Leia o material a seguir, divulgado pelo site <http://www.pedagogia-emfoco.pro.br/met05.htm>, contendo um resumo sobre os aspectos necessários a um projeto de pesquisa:

5.1 Escolha do Tema

Existem dois fatores principais que interferem na escolha de um tema para o trabalho de pesquisa. Abaixo estão relacionadas algumas questões que devem ser levadas em consideração nesta escolha:

5.1.1 Fatores internos

- Afetividade em relação a um tema ou alto grau de interesse pessoal.

Para se trabalhar uma pesquisa é preciso ter um mínimo de prazer nesta atividade. A escolha do tema está vinculada, portanto, ao gosto pelo assunto a ser trabalhado. Trabalhar um assunto que não seja do seu agrado tornará a pesquisa num exercício de tortura e sofrimento.

- Tempo disponível para a realização do trabalho de pesquisa.

Na escolha do tema temos que levar em consideração a quantidade de atividades que teremos que cumprir para executar o trabalho e medi-la com o tempo dos trabalhos que temos que cumprir no nosso cotidiano, não relacionado à pesquisa.

- O limite das capacidades do pesquisador em relação ao tema pretendido.

É preciso que o pesquisador tenha consciência de sua limitação de conhecimentos para não entrar num assunto fora de sua área. Se minha área é a de ciências humanas, devo me ater aos temas relacionados a esta área.

SAIBA MAIS

Alguns sites confiáveis (ou seja, que contêm referências sérias e controladas) na Internet, que podem ser acessados para pesquisa em educação são:

Biblioteca da ECA: <http://www.rebeca.eca.usp.br/>

Bibliotecas da USP: SIBi/Dedalus - <http://dedalus.usp.br>

Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP: <http://www.teses.usp.br/>

Capes – Banco de teses: <http://www.capes.gov.br/servicos/bancoteses.html>

Google acadêmico: <http://scholar.google.com.br/>

IBICT – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações: <http://bdt.d.ibict.br/bdtd/>

PORTCOM – Documentos diversos (livros, papers, etc.) em Ciências da Comunicação: <http://www.portcom.intercom.org.br/>

REVCOM – Base de revistas Científicas de Comunicação, on-line: <http://revcom.portcom.intercom.org.br/>

SciELO – Base de Revistas Científicas com versão on-line: <http://www.scielo.br/>

5.1.2 Fatores Externos

- **A significação do tema escolhido, sua novidade, sua oportunidade e seus valores acadêmicos e sociais.**

Na escolha do tema devemos tomar cuidado para não executarmos um trabalho que não interessará a ninguém. Se o trabalho merece ser feito que ele tenha uma importância qualquer para pessoas, grupos de pessoas ou para a sociedade em geral.

- **O limite de tempo disponível para a conclusão do trabalho.**

Quando a instituição determina um prazo para a entrega do relatório final da pesquisa, não podemos nos enveredar por assuntos que não nos permitirão cumprir este prazo. O tema escolhido deve estar delimitado dentro do tempo possível para a conclusão do trabalho.

- **Material de consulta e dados necessários ao pesquisador**

Um outro problema na escolha do tema é a disponibilidade de material para consulta. Muitas vezes o tema escolhido é pouco trabalhado por outros autores e não existem fontes secundárias para consulta. A falta dessas fontes obriga ao pesquisador buscar fontes primárias que necessita de um tempo maior para a realização do trabalho. Este problema não impede a realização da pesquisa, mas deve ser levado em consideração para que o tempo institucional não seja ultrapassado.

5.2 Levantamento ou Revisão de Literatura

O Levantamento de Literatura é a localização e obtenção de documentos para avaliar a disponibilidade de material que subsidiará o tema do trabalho de pesquisa.

Este levantamento é realizado junto às bibliotecas ou serviços de informações existentes.

5.2.1 Sugestões para o Levantamento de Literatura

5.2.1.1 Locais de coletas

Determine com antecedência que bibliotecas, agências governamentais ou particulares, instituições, indivíduos ou acervos deverão ser procurados.

5.2.1.2 Registro de documentos

Esteja preparado para copiar os documentos, seja através de xerox, fotografias ou outro meio qualquer.

5.2.1.3 Organização

Separe os documentos recolhidos de acordo com os critérios de sua pesquisa.

O levantamento de literatura pode ser determinado em dois níveis:

a) **Nível geral do tema a ser tratado:** Relação de todas as obras ou documentos sobre o assunto.

b) **Nível específico a ser tratado:** Relação somente das obras ou documentos que contenham dados referentes à especificidade do tema a ser tratado.

5.3 Problema

O problema é a mola propulsora de **todo o trabalho de pesquisa**. Depois de definido o tema, levanta-se uma questão para ser respondida através de uma **hipótese**, que será confirmada ou negada através do trabalho de **pesquisa**. O **Problema** é criado pelo próprio autor e relacionado ao tema escolhido. O autor, no caso, criará um questionamento para definir a abrangência de sua **pesquisa**. Não há regras para se criar um **Problema**, mas alguns autores sugerem que ele seja expresso em forma de pergunta. Particularmente, prefiro que o **Problema** seja descrito como uma afirmação.

Exemplo:

Tema: A educação da mulher: a perpetuação da injustiça.

Problema: A mulher é tratada com submissão pela sociedade.

5.4 Hipótese

Hipótese é sinônimo de **suposição**. Neste sentido, **Hipótese** é uma afirmação categórica (uma **suposição**), que tente responder ao **Problema** levantado no **tema** escolhido para **pesquisa**. É uma **pré-solução** para o **Problema** levantado. O **trabalho de pesquisa**, então, irá confirmar ou negar a **Hipótese** (ou suposição) levantada.

Exemplo:

(em relação ao Problema definido acima)

Hipótese: A sociedade patriarcal, representada pela força masculina, exclui as mulheres dos processos decisórios.

5.5 Justificativa

A **Justificativa** num **projeto de pesquisa**, como o próprio nome indica, é o convencimento de que o trabalho de **pesquisa** é fundamental de ser efetivado. O **tema** escolhido pelo pesquisador e a **Hipótese** levantada são de suma importância, para a sociedade ou para alguns indivíduos, de ser comprovada.

Deve-se tomar o cuidado, na elaboração da **Justificativa**, de não se tentar justificar a **Hipótese** levantada, ou seja, tentar responder ou concluir o que vai ser buscado no trabalho de pesquisa. A **Justificativa** exalta a importância do **tema** a ser estudado, ou justifica a necessidade imperiosa de se levar a efeito tal empreendimento.

5.6 Objetivos

A definição dos **Objetivos** determina o que o pesquisador quer atingir com a realização do **trabalho de pesquisa**. **Objetivo** é sinônimo de **meta, fim**.

Alguns autores separam os **Objetivos** em **Objetivos Gerais** e **Objetivos Específicos**, mas não há regra a ser cumprida quanto a isto e outros autores consideram desnecessário dividir os Objetivos em categorias.

Um macete para se definir os **Objetivos** é colocá-los começando com o verbo no infinitivo: **esclarecer** tal coisa; **definir** tal assunto; **procurar** aquilo; **permitir** aquilo outro, **demonstrar** alguma coisa etc.

5.7 Metodologia

A **Metodologia** é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no **método** (caminho) do **trabalho de pesquisa**.

É a explicação do tipo de pesquisa, do instrumental utilizado (questionário, entrevista etc), do tempo previsto, da equipe de pesquisadores e da divisão do trabalho, das formas de tabulação e tratamento dos dados, enfim, de tudo aquilo que se utilizou no trabalho de pesquisa.

5.8 Cronograma

O **Cronograma** é a previsão de tempo que será gasto na realização do trabalho de acordo com as atividades a serem cumpridas. As atividades e os períodos serão definidos a partir das características de cada pesquisa e dos critérios determinados pelo autor do trabalho.

Os períodos podem estar divididos em dias, semanas, quinzenas, meses, bimestres, trimestres etc.. Estes serão determinados a partir dos critérios de tempo adotados por cada pesquisador.

EXEMPLO:

ATIVIDADES / PERÍODOS		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	Levantamento de literatura	X									
2	Montagem do Projeto		X								
3	Coleta de dados			X	X	X					
4	Tratamento dos dados				X	X	X	X			
5	Elaboração do Relatório Final						X	X	X		
6	Revisão do texto									X	
7	Entrega do trabalho										X

5.9 Recursos

Normalmente as monografias, as dissertações e as teses acadêmicas não necessitam que sejam expressos os recursos financeiros. Os recursos só serão incluídos quando o Projeto for apresentado para uma instituição financiadora de Projetos de Pesquisa.

Os recursos financeiros podem estar divididos em Material Permanente, Material de Consumo e Pessoal, sendo que esta divisão vai ser definida a partir dos critérios de organização de cada um ou das exigências da instituição onde está sendo apresentado o Projeto.

5.9.1 Material permanente

São aqueles materiais que têm uma durabilidade prolongada. Normalmente é definido como bens duráveis que não são consumidos durante a realização da pesquisa.

Podem ser: geladeiras, ar refrigerado, computadores, impressoras etc.

EXEMPLO:

ITEM	CUSTO (R\$)
Computador	1.700,00
Impressora	500,00
Scanner	400,00
Mesa para o computador	300,00
Cadeira para a mesa	200,00
Total:	3.100,00

5.9.2 Material de Consumo

São aqueles materiais que não têm uma durabilidade prolongada. Normalmente é definido como bens que são consumidos durante a realização da pesquisa.

Podem ser: papel, tinta para impressora, gasolina, material de limpeza, caneta etc.

EXEMPLO:

ITEM	CUSTO (R\$)
10 caixas de disquete para computador	100,00
10 resmas de papel tipo A4	200,00
10 cartuchos de tinta para impressora	650,00
Total:	950,00

5.9.3 Pessoal

É a relação de pagamento com pessoal, incluindo despesas com impostos.

EXEMPLO:

ITEM	CUSTO MENSAL (R\$)	CUSTO TOTAL (R\$) (10 MESES)
1 estagiário pesquisador	500,00	5.000,00
1 datilógrafo	200,00	2.000,00
1 revisor		2.000,00
Impostos incidentes (hipotético)		4.000,00
Total:	700,00	13.000,00

5.10 Anexos

Este item também só é incluído caso haja necessidade de juntar ao Projeto algum documento que venha dar algum tipo de esclarecimento ao texto. A inclusão, ou não, fica a critério do autor da pesquisa.

5.11 Referências

As referências dos documentos consultados para a elaboração do Projeto é um item obrigatório. Nela normalmente constam os documentos e qualquer fonte de informação consultados no Levantamento de Literatura.

Exemplos para elaboração das Referências, segundo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT para elaboração das Referências estão expressas no **Anexo 1** deste trabalho.

5.12 Glossário

São as palavras de uso restrito ao trabalho de pesquisa ou pouco conhecidas pelo virtual leitor, acompanhadas de definição.

Também não é um item obrigatório. Sua inclusão fica a critério do autor da pesquisa, caso haja necessidade de explicar termos que possam gerar equívocos de interpretação por parte do leitor.

5.13 Esquema do Trabalho

Concluído o Projeto, o pesquisador elaborará um Esquema do Trabalho que é uma espécie de esboço daquilo que ele pretende inserir no seu Relatório Final da pesquisa. O Esquema do Trabalho guia o pesquisador na elaboração do texto final. Por se tratar de um esboço este Esquema pode ser totalmente alterado durante o desenvolvimento do trabalho. Quando conseguimos dividir o tema genérico em pequenas partes, ou itens, poderemos redigir sobre cada uma das partes, facilitando significativamente o desenvolvimento do texto.

Depois de concluída a pesquisa, este Esquema irá se tornar o Sumário do trabalho final.

EXEMPLO:

Título: Educação da Mulher: a perpetuação da injustiça

- 1 INTRODUÇÃO
- 2 HISTÓRICO DO PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE
- 3 O PODER DA RELIGIÃO
 - 3.1 O mito de Lilith/Eva
 - 3.2 O mito da Virgem Maria
- 4 O PROCESSO DE EDUCAÇÃO
- 5 O PAPEL DA MULHER NA FAMÍLIA
 - 5.1 A questão da maternidade
 - 5.2 Direitos e deveres
 - 5.3 A moral da família
 - 5.4 Casamento: um bom negócio
 - 5.5 A violência
- 6 UM CAPÍTULO MASCULINO
- 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.14 Resumindo...

Um Projeto de pesquisa, então deveria ter as seguintes características:

- 1 – **Introdução** (obrigatório)
- 2 – **Levantamento de Literatura** (obrigatório)
- 3 – **Problema** (obrigatório)
- 4 – **Hipótese** (obrigatório)
- 5 – **Objetivos** (obrigatório)
- 6 – **Justificativa** (obrigatório)
- 7 – **Metodologia** (obrigatório)
- 8 – **Cronograma** (se achar necessário)
- 9 – **Recursos** (se achar necessário)
- 10 – **Anexos** (se achar necessário)
- 11 – **Referências** (obrigatório)
- 12 – **Glossário** (se achar necessário)

Observação: O documento final do Projeto de Pesquisa deve conter:

- **Capa** ou Falsa Folha de Rosto (obrigatório);
- **Folha de Rosto** (obrigatório);
- **Sumário** (obrigatório);
- **Texto do projeto** (baseado nas características enunciadas acima) (obrigatório);
- **Referências** (obrigatório);
- **Capa** (se quiser).

LEITURA OBRIGATÓRIA

ASSISTA AO VÍDEO NO SITE

<http://www.youtube.com/watch?v=Aa3Wj4xnwYw>

Com este vídeo, você conhecerá mais sobre a pesquisa no Brasil.

semana VIII

**NORMAS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT)**

OBJETIVO

Aprofundar conhecimentos sobre como planejar, organizar e realizar um projeto de pesquisa em educação.

CONTEÚDO

- 2.08 – Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

LEITURA OBRIGATÓRIA

RESUMÃO SOBRE OS TEXTOS CIENTÍFICOS

Uma outra modalidade de texto seguidamente solicitada na vida acadêmica é o paper. Trata-se de texto semelhante ao ensaio, conforme Andrade: "É o texto escrito de uma comunicação oral. Pode apresentar o resumo ou o conteúdo integral da comunicação [...]" (2002, p. 87). Contém a mesma Estrutura do artigo, porém, não ultrapassa uma lauda, na maior parte das vezes.

ARTIGO	PAPER	ENSAIO	TCC	RESENHA
Título, autor, instituição, resumo, palavras-chave, resumo em língua estrangeira e palavras-chave em língua estrangeira	INTRODUÇÃO Descrição do tema, dos objetivos, apresentação da estrutura do trabalho.	INTRODUÇÃO Descrição do tema, dos objetivos, apresentação da estrutura do trabalho.	CAPA, FOLHA DE ROSTO, SUMÁRIO, INTRODUÇÃO Descrição do tema, dos objetivos, apresentação da estrutura do trabalho.	REFERÊNCIAS Título, autor, editora, ano, quantidade de páginas
Introdução, tema, problema, metodologia, abordagem que será feita e apresentação do restante do texto	Corpo do texto: análise e desenvolvimento do tema.	Corpo do texto: análise e desenvolvimento do tema.	Desenvolvimento: corpo do trabalho dividido em capítulos conforme a MDT, fundamentação teórica, relato da pesquisa realizada, análise dos dados coletados	1º PARÁGRAFO Contextualização do tema
Desenvolvimento, contendo quantos subtítulos forem oportunos, abordagem das categorias centrais implicadas no trabalho, relato da pesquisa realizada	Considerações finais: apresenta um fecho do trabalho, retomando o tema central	Considerações finais: avaliação do alcance dos objetivos, apresenta um fecho do trabalho, retomando o tema central	Considerações finais: avaliação do alcance dos objetivos, avaliação do trabalho realizado, perspectivas quanto à continuidade do estudo.	2º PARÁGRAFO Apresentação da obra, do autor, do tema, índices de avaliação da obra lida
Considerações finais: avaliação do alcance dos objetivos, avaliação do trabalho realizado, perspectivas quanto à continuidade do estudo.	REFERÊNCIAS	REFERÊNCIAS	REFERÊNCIAS	3º PARÁGRAFO Resumo da obra, descrevendo as abordagens apresentadas pelo autor e analisando-as.
REFERÊNCIAS			ANEXOS OU APÊNDICES	PENÚLTIMO PARÁGRAFO analisa e aborda os enfoques mais significativos da obra, objetivamente faz críticas, se julgar necessário. Pode, também, relacionar a outras leituras.
ANEXOS OU APÊNDICES				ÚLTIMO PARÁGRAFO: Apresenta destaques da obra e indicações para a leitura